

jornal da tarde

Publicado pela S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Costano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PA)



Fundado em 1875

JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO
(1927 - 1969)

“Matando o cavalo na boca” — e perdendo a corrida

Uma expressão de uso corrente entre os turfistas — “matar o cavalo na boca” — define sucintamente o que se passa no Brasil, como se pode depreender do relatório anual de uma das mais prestigiosas empresas de auditoria do mundo, que situa a potência industrial brasileira como a sétima do Ocidente, superior à do Canadá.

O relatório em questão, “1989 Economic Report Worlwide”, foi preparado por dois especialistas da “Coopers & Lybrand”, uma das maiores empresas privadas de auditoria do mundo e que desde 1985 faz levantamentos e projeta a situação econômica global para o ano seguinte. Esses relatórios, sendo provenientes de fontes desvinculadas de governos e organismos oficiais, revelam-se de grande utilidade para os investidores de capital, interessados em conhecer riscos e oportunidades em mercados estrangeiros. E o último deles, agora divulgado, indica que, com a produção manufaturada de 84.821 bilhões de dólares em 1987, o Brasil situou-se em sétimo lugar entre as potências industriais do Ocidente, ultrapassando o Canadá, cuja produção industrial foi da ordem de 75.108 bilhões.

O mesmo relatório prevê que em 1989 o Brasil terá um crescimento econômico industrial de 4,9% — o que nos parece uma expectativa excessivamente otimista — e que uma projeção dessa pujança o colocará até o final do século XX, dentro de 12 anos, como a quarta ou quinta maior economia industrial do Ocidente. Essa projeção, dada sua origem insuspeita, nada tem do ufanismo fácil dos nossos nacionalistas que, embalados por tolices como a do “Brasil Potência” e outras, voltam as costas à interdependência cada vez maior da economia mundial, à enorme disponibilidade de capital internacional em busca de mercados menos saturados e às oportunidades de investimentos que se oferecem, entrincheirando-se em xenofóbias reservas de mercado. De fato, tal política corresponde na prática a um pontapé nas oportunidades que se oferecem e que são ressaltadas pelo relatório da reputada empresa de auditoria.

“O Brasil, por exemplo”, diz o documento, “é uma das nações industriais líderes do mundo e está fortalecendo sua posição. A produção industrial brasileira é maior que a da Coreia, Formosa, Hong-cong e Cingapura juntas. **Mas devido à grande dívida da América Latina e a questões tradicionais sobre estabilidade política, muitos estrategistas industriais descontam oportunidades na América Latina em favor de maior atenção para o ‘milagre asiático’** (grifo nosso). Essa atitude deve ser reexaminada”.

A recomendação de reexame é feita aos investidores americanos de capital e justificada com dados e números, que envolvem a própria questão do endividamento externo do Brasil, reduzida às suas reais proporções. Maior devedor entre os países em desenvolvimento, observa o estudo dos especialistas da “Coopers & Lybrand”, o Brasil é também um exemplo: “Tem sido em geral apto a sustentar um balanço de contas positivo nos últimos anos: as suas exportações têm gerado os recursos necessários para cobrir as importações e pagar o serviço da dívida externa. Tanto assim que o Brasil experimentou apenas dois anos de recessão desde 1970”. Mais ainda: o relatório classifica o Brasil, “na perspectiva de uma economia global, como chave para uma importante região, devendo ser considerado um dos mais importantes países do mundo”. Simultaneamente, entretanto, o relatório leva em conta a posição de muitos estrategistas empresariais: por causa da grande dívida do Brasil, políticas econômicas erráticas, nacionalismo e práticas protecionistas, inúmeras empresas estão restringindo novos investimentos no Brasil e algumas estão até abandonando esse mercado. “A questão, entretanto”, prossegue o documento, “não é como evitar o Brasil, mas como lidar com suas políticas e torná-las parte de sua estratégia global”. E é aí que o documento da grande empresa de auditoria relaciona prós e contras da situação brasileira, para esclarecimento de investidores interessados.

Nota que, embora “em estágios iniciais de desenvolvimento, a democracia brasileira se revela estável e criando o que parecem ser instituições políticas estáveis... Mesmo a dívida externa está sendo administrada, pois, se representava 54% do PIB em 1982, hoje não ultrapassa 32%. Além disso, o relatório ressalta que 85% da formação de capital no Brasil, desde 1971, e 88%, desde 1980, têm sido financiados pela poupança interna do País, o que desmistifica a balela tão de agrado dos nossos “progressistas” de esquerda, segundo a qual é a dívida externa que entrava o desenvolvimento nacional. O verdadeiro problema — como já muito afirmamos e é agora localizado na projeção da “Coopers & Lybrand” dirigida aos investidores — é criado pela própria política oficial do Brasil. O exemplo dado e que poderia ser estendido a inúmeras outras áreas é o que acontece no setor de informática: Embora o Brasil tenha conseguido produzir cópias de computadores pessoais, cerca de 70% dos seus trabalhadores no setor de informática não têm instrução superior... Noutras palavras, para se manter tecnicamente em áreas tecnológicas complexas, que não podem ser facilmente duplicadas, o Brasil vai precisar liberar importações e assegurar proteções ao direito de propriedade para novos produtos de alta tecnologia e acolher bem o comércio e **joint-ventures** nessas áreas”.

Embora dirigido formalmente aos detentores de capital propensos a investir em mercados estrangeiros, o diagnóstico-projeção ajusta-se como uma luva às próprias “lideranças” políticas brasileiras, que não conseguem compreender as perspectivas que se abrem para o País e que permitiriam seu ingresso, a curto prazo, no estágio do Primeiro Mundo. Em lugar de fazê-lo, explorando plenamente as enormes potencialidades de nossa economia reconhecidas até no Exterior e as possibilidades que se abrem, para materializá-las rapidamente, preferem “matar o cavalo na boca”, como dizem os turfistas, isto é, freá-lo logo após a partida, sustando sua impetuosidade natural — e perdendo com isso a corrida.